

Um milhão para ajudar a eliminar cegueira em África

Prémio. Fundação Champalimaud distingue programa que combate doença tropical que afecta 18 milhões de pessoas, 99% em África

PATRICIA JESUS

Foi uma rapariga chamada Agnes que levou Uche Amazigo a interessar-se pela oncocercose, uma doença "tão negligenciada" que nem a especialista em malária conhecia. "Vi o corpo coberto de cicatrizes daquela adolescente, que estava grávida e tinha sido abandonada pela família, e quis perceber o que era e como podia ajudar." Mas as cicatrizes são apenas uma das consequências desta doença transmitida pela picada da mosca-preta. A perda da visão é a mais grave, o que faz que seja conhecida como cegueira dos rios. Uche acabou à frente do Programa Africano de Controlo da Oncocercose (APOC), que já conseguiu evitar a cegueira de meio milhão de pessoas e foi ontem distinguido com o Prémio António Champalimaud de Visão.

Este prémio, que vale um milhão de euros, foi entregue à antiga e ao actual director da APOC. "É um reconhecimento muito importante dos esforços feitos por todos os parceiros: das agências internacionais, aosadores, passando pelos governos locais e pelas comunidades", disse ao DN Paul-Samson Lusamba-Dikassa.

"Estou muito feliz, porque tenho a impressão de que muitas vezes não damos importância aos pobres. Achamos que temos de gerir as coisas por eles, planear, pensar por eles. As suas vozes nunca são ouvidas. Essa não é a melhor abordagem. Este prémio distingue uma parceria em que as comunidades têm um papel essencial. Por isso, é fantástico estar aqui a receber um prémio em nome dessas comunidades", acrescenta Uche.

É que o APOC, que começou

em 1995 – no seguimento de outro programa, que vinha dos anos 70 e que era dirigido apenas aos países mais atingidos pela cegueira dos rios –, só chegou onde chegou devido às parcerias e ao envolvimento das comunidades, garante o director. "Se queres ir depressa, vai sozinho; se queres ir longe, vai acompanhado", diz o provérbio africano. E onde é chegou este programa? "Os resultados têm sido excelentes e mostram que se formos capazes de manter este esforço vamos atingir a eliminação da doença. Isso já aconteceu em algumas regiões, no Senegal e no Mali", avança Paul-Samson Lusamba-Dikassa.

Um cenário com que não se atreviam a sonhar há 15 anos. Mas o director da APOC sabe que o compromisso dos parceiros do programa é até 2015 e que algumas comunidades precisam de mais tempo. "Em 2015 não teremos eliminado a doença. É importante considerar a hipótese de manter esta

aposta até 2020."

A estratégia da APOC para fazer o medicamento chegar aos infectados nas regiões mais pobres, mais remotas ou mais conturbadas do continente passa por recorrer a distribuidores recrutados nas comunidades, que têm a responsabilidade de administrar o tratamento. No ano passado, houve 153 mil comunidades envolvidas, em 19 países, incluindo Moçambique, Guiné e Angola. No total, foram distribuídos 73 milhões de tratamentos – com ivermectina cedida pela Merck, outra parceira da iniciativa.

O que é preciso para vencer as próximas batalhas? "Fazer muito barulho em nome das comunidades pobres que não têm voz", desafia Uche Amazigo.

Responsáveis acreditam que é possível eliminar a doença até 2020



O director do APOC, Lusamba-Dikassa, recebeu o prémio das mãos do Presidente Cavaco Silva

Cegueira dos rios

A oncocercose, conhecida como cegueira dos rios, é uma doença parasitária, transmitida aos humanos pela picada da mosca-preta, especialmente junto aos rios e outras linhas de água. A doença afecta cerca de 18 milhões de pessoas em todo o mundo.

Ciclo da doença





JOÃO GIRAGOL/GLOBAL IMAGENS

FUNDAÇÃO

Um prémio para quem está no terreno

» O Prémio António Champalimaud de Visão foi lançado em 2006. Nos anos ímpar, como este, a Fundação reconhece o trabalho desenvolvido no terreno por instituições no combate às doenças da visão, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento. Assim, em 2007 foi entregue ao Aravind Eye Care System da Índia e em 2009 ganhou a Helen Keller International. Nos anos par, é atribuído a pesquisas científicas: em 2008 foi para os laboratórios de King-Wai Yau e Jeremy Nathans, da Universidade Johns Hopkins, e no ano passado para Anthony Movshon e William T. Newsome.

ENTREVISTA: UCHE AMAZIGO

Ex-directora do Programa Africano de Controlo da Oncocercose (APOC)



JOSE CARLOS PRATAS/GLOBAL IMAGENS

Líder Esteve à frente do programa de combate à cegueira dos rios durante 15 anos. Já passou o testemunho, mas continua a querer dar voz às comunidades pobres de África, afectadas por esta doença. Sobretudo, às mulheres

“Havia aldeias quase só de cegos”

Dirigiu o Programa Africano de Controlo da Oncocercose (APOC) durante os últimos 15 anos. Como é que se envolveu neste combate?

No início dos anos 1990, eu dava aulas na universidade [na Nigéria] e ao mesmo tempo fazia investigação em doenças tropicais, como a malária. Mas também fazia trabalho social. Todas as segundas-feiras visitava um centro de cuidados pré-natais. Acompanhava as grávidas, discutia nutrição... Foi aí que conheci uma rapariga de 18, 19 anos, que tinha o corpo coberto de cicatrizes, a pele muito irritada. Eu não sabia o que era, mas interessei-me pela doença. Interessei-me também por ela: estava grávida, tinha sido abandonada pelo marido. Era preciso ajudá-la. Depois comecei a estudar o estigma social que rodeia esta doença e como afecta as mulheres. Descobri uma série de implicações: as raparigas com esta doença casam-se mais tarde, amamentam menos, por exemplo. **Como é que passou desse interesse pessoal e académico para a chefia do programa?**

A Organização Mundial de Saúde decidiu alargar o estudo que eu tinha começado a outros sete países e descobriu ainda mais provas de como esta doença é devastadora ao nível social. Por isso, foi aquela rapariga, Agnes, que me levou até à investigação da oncocercose.

Já existia um programa para combater esta doença na África

Ocidental. Porque é que houve necessidade de criar a APOC?

Quando esse programa inicial começou, nos anos 1970, ainda não havia medicamentos para combater a doença. É uma história engraçada: foi o director do Banco Mundial, Robert McNamara, que impulsionou essa iniciativa. Numa visita ao Burkina Faso, ele e a mulher ficaram tão impressionados pela quantidade de pessoas cegas – havia aldeias em que quase todos os adultos tinham cegado – que juntaram uma série de organizações: o Banco Mundial, as Nações Unidas, a Organização Mundial de Saúde... mas o combate concentrou-se em 11 países com cegueira grave, em que a doença era altamente endémica. E no combate às moscas que transmitem a doença e não à doença. Em 1987 surge um medicamento eficaz. Como a doença não se limitava àqueles países, e além da cegueira tem consequências graves a nível social, resolveu-se estender os esforços a outros países. Portanto, tínhamos o medicamento, o grande desafio era fazê-lo chegar a quem precisava. Em 1995 começou uma nova fase.

Com aposta na participação das comunidades...

Sim. O desafio tem sido envolver as comunidades e encontrar voluntários para distribuir os medicamentos. Motivá-los. Encontrar mulheres. Mas temos sido bem-sucedidos, não só no tratamento da doença mas também no fortalecimento das comunidades.